

A GENEALOGIA ENQUANTO UM MÉTODO

(THE GENEALOGY AS A METHOD)

KLEBER JEAN MATOS LOPES*

RESUMO

Esse artigo discute a possibilidade de analisar os acontecimentos da vida tendo como referência a produção do filósofo Michel Foucault. Apresenta alguns conceitos, como os de 'poder', 'saber' e 'dispositivo', e demonstra o quanto esses estão presentes nas existências cotidianas enquanto arranjos e/ou efeitos das nossas práticas.

Palavras-chaves: *genealogia – produção de conhecimento*

ABSTRACT

This paper discusses the possibility to analyze the events of live as a reference to philosopher Michel Foucault's production. It presents some concepts, as 'power', 'knowledge' and 'device', and demonstrates how much they are present in daily existences as arrangements and/or effects of our practices.

Keywords: *Michel Foucault, genealogy and knowledge production*

INTRODUÇÃO

A realização de uma busca implica num percurso a seguir. Assim a mistura de planejamento e efetuação de critérios marca um resultado, que no mundo acadêmico, resguardados os cuidados metodológicos, recebe a denominação de ciência. Na Psicologia, por exemplo, são diversas as formas metodológicas para que se estabeleça uma tese, uma verdade sobre alguma coisa.

Formulações experimental, não experimental, psicossocial qualitativa, interacionista, antropológica, epistemológica, histórica, etc. estão dispostas no car-

dápio das intenções do querer saber, o que evidencia de forma inequívoca a impossibilidade em estabelecer uma verdade exclusiva e neutra sobre o que se quer Psicologia, hoje. De outro modo, acredito que seria equívoco ainda maior estabelecer uma sobreposição de certezas e posicionar o saber psicológico numa escala gradativa de razões. Ou seja, isso é mais ciência devido aquilo, ou aquilo é mais verdade por causa disso.

Crise no querer-se ciência? Complicado responder, mas apostaria que essa seria mais uma questão "tostines" a alimentar talvez calorosas conversas e conseqüente resguardo das percepções em nome de um valor que não circula além do próprio eixo, por ele mesmo delimitado. E por sufocar-me essa persecutória vontade em querer ser, optei pela tangente e a possibilidade de outras análises e dimensões na construção de entendimentos que se projetam no presente, uma arquitetura do instante possível.

Dar um nome a esse pensamento, tomado por tangência, poderia parecer contraditório. O risco de cair na vala comum das identidades é enorme, mas não fazer destacada menção àquele que levou "a vida como obra de arte" para lugares como o hoje que tenho, seria imperdoável.

Assim, aquilo que poderia não passar de uma "caixa de ferramentas" em mãos desavisadas, é hoje pensamento vivo que se imiscui nos delitos pensantes em querer a vida em intensidades, por saber que qualquer relação traz e produz uma outra, aos milhões. Fossemos linhas, a possibilidade de tangência seria atravessar aos que seguem o curso e senti-los, percebê-los, transformá-los. Em pensamento, tangência aqui, assume-se enquanto possibilidade para quem a deseja. Ressalto que o movimento de tangenciar, qual artista com fome, se interessa menos pelo horizonte distante que pela necessidade de verter-se novamente, fazendo disso seu dia-à-dia.

* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social na Universidade Estadual do Rio de Janeiro-UERJ. Graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo-UFES, e em Comunicação Social pela Universidade Federal do Ceará-UFC.

Bom, mas já é hora de dizer que aqui busco a possibilidade de analisar coisas com palavras, tomando como referência o pensamento expresso de Michel Foucault. Ao certo, não existe na obra desse autor uma receita capaz de redimensionar e redimir os procedimentos acadêmicos da produção de conhecimento. Por outro lado, não há como negar que esse é um pensamento sem medo de pensar e ser pensado. Disso resulta uma instabilidade que é própria da vida e aí emerge indispensável contribuição para que uma análise se faça no presente. E se não é possível ter pontos de partida e chegada, uma verdade estável, temos o meio, a mistura que dá tonalidades às formas de sentir e fazer o mundo.

Tem-se assim uma lógica que considera as condições que possibilitam o surgimento de um saber, que é reconhecida como genealogia. Com ela, a história de um saber não seria entendida enquanto uma linha contínua e de caráter cumulativo, que demarcaria a constituição de uma verdade estável. Seria antes a sua intenção, fazer aparecer discontinuidades que perpassam nossa forma de existir.

André Queiroz tem uma definição que considero bastante apropriada, diz que

“A história genealógica de Foucault é uma história de ‘invenções’. Não de invenções grandiosas e sublimes, mas de mínimas e desprezíveis invenções. Não uma história de objetos que navegam serenos às águas calmas da maturação, mas a história de ‘falsos objetos’, porque falar em genealogia seria antes enunciar o campo de forças, as relações de poder, os jogos de saber-poder, as estratégias e os mecanismos destes jogos configurando o real. A genealogia é antes a história das objetivações do que a análise da superfície ‘lisa’ e sem inscrições dos objetos” (1999, p 61)

Historiar seria atentar para marcas e jogos, mas também perceber que essa lógica supõe tal qual outras tantas, domínios – as tais ferramentas. Em Foucault dois conceitos são indispensáveis para os que se arvoram em querer entendimentos sobre algo. No caso, duas palavras de cinco letras que entrelaçadas dão sentido a essa história de genealogias: poder e saber.

A disposição de como funcionam essas duas lógicas – constituição de saberes e exercício de poderes, dá conta das formas que inventamos para funcionar ou como é geralmente denominado pelos que trabalham com essa referência, são indicadores de como a subjetividade se constitui e se dispõe.

A tal relação saber/poder e vice-versa, remetemos, na perspectiva genealógica, a uma questão diferenciada que se circunstancia em perceber o COMO de um acontecimento. COMO algo emergiu, ou COMO algo se constituiu, ou COMO algo se mantém, ou ainda COMO algo afeta, interfere no que é entendido como modos de produção da subjetividade. O ‘como’ interessa muito mais que o ‘porquê’. Isso devido ao caráter relacional ao qual qualquer acontecimento está sujeito. Não há uma motivação exclusiva que se sobreponha de forma hegemônica dentro de uma situação determinada. Há sempre jogos de forças, interesses os mais variados possíveis em busca de afirmação, montando os cenários vividos.

Significa olhar para a história não como algo do passado, mas como algo que se presentifica a todo momento, pois os poderes...

“... funcionam como uma rede de dispositivos ou mecanismos a que nada ou ninguém escapa, a que não existe exterior possível, limites ou fronteiras. (...) Rigorosamente falando, o poder não existe; existem sim práticas ou relações de poder. O que significa dizer que o poder é algo que se exerce, que se efetua, que funciona”. (Machado, 1979 p. XIV)

Explica melhor esse entendimento do que seja o poder, o também filósofo Gilles Deleuze (1988) ao discutir como Foucault abandona uma série de postulados que marcavam posturas englobantes e centralizadoras de poder, sugerindo uma concepção relacional, já descrita acima.

- Postulado da propriedade: o poder não seria algo que pertencesse a alguém, mas antes uma estratégia a qual se faz uso em nome de interesses os mais variados.

- Postulado da localização: por não ser uma propriedade, o poder não teria uma localização efetiva. Não estaria ‘trancafiado’ ou retido em uma instituição qualquer, mas atravessaria essas instâncias agenciando intenções e construindo composições, enquanto efeitos do seu exercício.

- Postulado de subordinação: por não está localizado em alguém ou algum canto, o poder, seu exercício, não se subordina “às infra-estruturas econômicas, ao modo de produção”. Não haveria dissociação da questão econômica enquanto determinante da possibilidade de intervenção política. Seria antes uma articulação dessas instâncias que demarcariam os efeitos do poder, desconsiderando qualquer sobreposição.

- Postulado da essência ou do atributo: não te-

ria caracterização essencialista o poder. Também não seria atributo a distinguir os que se dizem possuidores. Devido ao seu caráter relacional, o poder se “microespecializa” e aparece nos mais variados pontos, refutando assim a tese de uma “bipolarização rígida do poder verticalizado”.

• Postulado da modalidade: a ação do poder não estaria demarcada pela violência ou por um mecanismo repressor. O poder em Foucault é tido como produtor de positivities, pois cria formas de funcionar ativando processos de subjetivação, “constrói campos de objetos e rituais de verdade, promove antes a fixação do que a exclusão”, devido ao seu caráter normalizador.

• Postulado da legalidade: não seriam as leis em si disparadoras da atuação do poder. Foucault desconsidera essa tese, pois para ele as leis são objetivações (saberes) de relações de forças anteriores e que se presentificam. As leis seriam antes efeitos de uma relação de poder que de algum modo se mantém.

Para Deleuze,

“Foucault não se contenta em dizer que é preciso repensar certas noções, ele não o diz, ele o faz, e assim propõe novas coordenadas para a prática. Ao fundo ressoa uma batalha, com suas táticas locais, suas estratégias de conjunto, que não procedem todavia por totalizações, mas por transmissão, concordância, convergência, prolongamento” (1988, p.40).

Assim, cada efetuação de poder produz saber, que gera novos efeitos de poder, que se multiplicam e emergem nas mais variadas situações. Essa lógica está presente em cada momento de vida que se expande pelo planeta. Diz de como as relações se dão e como seus efeitos são reapropriados e fazem funcionar outros sentidos. Especificamente, na pesquisa que desenvolvo, analiso a emergência do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e os efeitos de subjetividade que esse aparecimento produz. Poderia afirmar que o ENEM é entendido nessa análise como um ‘dispositivo’ que traz consigo uma série de implicações, o que intensifica sensações e percepções que já vivenciávamos antes do seu aparecimento.

Em Foucault, um dispositivo é conceituado como

“... um conjunto que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas

administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos” (Foucault, 1979 p. 244).

O enredamento entre esses elementos heterogêneos, aos quais Foucault refere-se no conceito de dispositivo, seria a articulação do que se define enquanto a produção do saber e o exercício do poder, o que requer entender o dispositivo numa relação demarcada historicamente e que tem como “função responder a uma urgência”.

Para perceber a urgência no dispositivo ENEM, requer entender como esse exame se situa na vida, funcionando enquanto disparador de outros movimentos nas pessoas. Requer perceber que efeitos de subjetividade estão sendo produzidos com a introdução dessa avaliação que se propõe a romper com algumas regularidades já absorvidas pelo cotidiano nacional, como o vestibular enquanto forma exclusiva de acesso ao ensino superior. Requer principalmente, o cuidado para não se deixar seduzir pelas explicações fáceis e conclusões generalistas, dentre outros requerimentos que poderia citar.

Totalizações, naturalizações, reducionismos e determinismos que de alguma forma se objetivam no dispositivo ENEM – mecanismo que se propõe ser, são alvos da análise que faço, mas busco estabelecer relações outras, que não a de síntese de um acontecimento que mexe com tantos elementos. Como os saberes estão sendo constituídos e os poderes exercidos, é o chão. Importa o ENEM na vida das pessoas e os desdobramentos que essa relação produz.

O COMO É MOVEDIÇO

A figura usada há pouco para ilustrar a relação saber/poder e os efeitos dela provenientes não deve ser entendida enquanto uma base, um sustento para a edificação de um conhecimento. O chão ao qual fiz referência não tem as características que usualmente facilitam a tarefa de arquitetos e engenheiros. O solo enquanto imagem do pensamento de Foucault é movediço. Absorve e mistura os elementos disponíveis, reconfigurando a topografia em questão.

Assim cada passo vai além da distância que se estende entre os pés. A medida padrão não deixa de ser considerada, mas perde o lugar de referência exclusiva. A relação solo e pés ganha outras marcações e entre cada tocar ao chão, inúmeras outras questões se colocam além da provável intenção do andarilho.

São minúcias talvez, mas são elementos à disposição dos olhares. E COMO não vê-los? Quem pode dizer que são menos história que a distância percorrida, a velocidade imposta pelas pernas ou mesmo o desafio do corpo em manter-se ereto, apesar do movimento.

O quanto os pés penetram no chão ou o chão os engole, diz do como as forças desprendidas nesse ato deixam-se afetar. Diz do como cada um passa a conhecer a distensão do solo ante a compressão que o pé impõe. Esse é o COMO que busco imprimir ao trabalho de pesquisa que desenvolvo.

Um COMO que não resulta em novas questões, mas em análise. O dado não aparece por si, mas numa conjugação de forças. Assim toda e qualquer intervenção deve estar imbuída em intensificar percepções diante de um leque o mais aberto possível.

Exemplificando: dia 27 de agosto de 2000, juntamente com outras quase 390 mil pessoas em todo o Brasil, participei da terceira edição do ENEM. Cinco horas, uma prova de 63 questões de múltipla escolha e uma redação por fazer. No estado do Espírito Santo éramos 21.970, o que representou um crescimento de inscritos, em mais de 100% em relação ao ano anterior, quando a Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) – única instituição de ensino superior pública do estado, ainda não adotava o resultado da prova para a avaliação dos seus novos alunos.

Nos jornais locais, nos dias que antecederam a prova, notícias produzidas tanto por agências de informação nacional como pelo jornalismo local, davam conta de que o ENEM estava chegando e que seria o instrumento a substituir o vestibular, podendo servir ainda como critério de seleção de funcionários, por empresas privadas. Essa idéia era anunciada pelo presidente da República Fernando Henrique Cardoso, ao comemorar o aumento no número de inscritos para essa edição do exame. “O resultado das provas, mais que um boletim, poderá ser seu passaporte para a universidade e, quem sabe, ser decisivo para um futuro contrato de trabalho”.

A única discussão sobre o ENEM na mídia capixaba ficou restrita a um artigo de minha autoria, publicado no jornal A Gazeta no dia 24 de agosto de 2000 e duas entrevistas que concedi, uma na rádio Central Brasileira de Notícias (CBN) local, e outra na TV Capixaba, emissora que retransmite a programação da Rede Bandeirantes no estado. As demais matérias veiculadas na mídia tinham como fontes autoridades governamentais incentivando o exame, professores de cursinhos dando dicas sobre as possíveis questões, informações sobre o local da prova e inscritos falando sobre a expectativa. O clima era de um vestibular antecipado.

No colégio onde fiz a prova, a impressão de

que o vestibular chegara antes se confirmava. Nos momentos que antecediam a realização do exame, as pessoas estavam tensas e pouco se falavam. Engarrafamento se formava nas ruas apesar de ser uma tarde de domingo. Fiscais aparentavam uma autoridade além da necessária para ao exercício da função. Cursinhos e faculdades privadas distribuíam material publicitário nos acessos do colégio. Prescrições de como se comportar durante o exame eram anunciadas e na saída, grupos se formavam para checar gabarito e comentar o grau de dificuldade das questões. Tudo lembrava o vestibular.

Conversei com algumas pessoas e a preocupação era sempre a tal vaga na universidade. A isca lançada pelo governo federal demonstrava grande capacidade de fisgar as pessoas a fazer parte de algo que se diz novo, sem que maiores discussões se estabeleçam, sem que as pessoas se permitam pensar no que realmente o ENEM modifica o cotidiano que vivem e interfere nas expectativas que alimentam.

Outras anotações sobre esse momento poderiam reforçar essa idéia de que algo está se transformando na forma de funcionar das pessoas, mas aqui, a síntese necessária, faz estabelecer limite em linhas para dizer da importância desse COMO que diz da vida, os seus estados. Os tais dos modos de subjetivação na atualidade, que busco analisar a partir desse recorte denominado ENEM.

Assim, aparecimento na mídia, regulamentações do exame, estatísticas produzidas pelo exame, disposição das instituições de ensino superior em aceitar o resultado da prova como critério para acesso aos seus cursos, mercado de trabalho, outras pesquisas que analisam o tema avaliação num contexto onde o neoliberalismo absorve a maneira de gerir a coisa pública, a preocupação exagerada dos jovens em garantir uma formação acadêmica, tudo de alguma forma, no mecanismo ENEM, mistura-se à vida das pessoas e produz outras maneiras de lidar com a existência que se têm.

Como isso se arranja seria a análise que espero fazer e que carrega os conceitos foucaultianos não para uma confirmação e estabelecimento de certezas, mas para serem usados enquanto “ferramentas” que construam um entendimento, mesmo que movediço. Vale ressaltar, que esse percurso que faço tem a marca de um compromisso que não é da minha pessoa para com uma verdade próxima, mas do quanto essa forma que inventamos para funcionar, onde a competição se expande e se perde no horizonte das percepções, incomoda-me. Daí a necessidade de tangência e o conseqüente cuidado para que os saberes que se venha a produzir não se constituam em mecanismos de

fixação de verdades, que intensifiquem ainda mais as estratificações as quais somos submetidos. Daí a importância de resistir às forças que se querem absolutas e inquestionáveis. Daí a vontade de vida que se deve propagar.

Daí somar a todo esse instrumental que a genealogia enquanto método de análise possibilita, um outro que habite cada ato de inspirar e transpirar que efetuarmos. Um outro que dê conta dos compromissos de mudança, para além dos imanentes aos processos de subjetivação. Também expressa em cinco letras, a ética enquanto garantia de liberdade seria "a vida como uma obra de arte ou uma distância entre o que somos e o que poderíamos ser" (Machado, 1999 p. 160).

E quem não me quiser linha, que tangencie agora e sempre.

BIBLIOGRAFIA

- DELEUZE, Gilles. Conversações. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- _____. Foucault. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Grall, 1979 .
- _____. Em defesa da sociedade. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MACHADO, Leila Domingues. Ética. In. BARROS, Maria Elizabeth Barros de. (org.). Psicologia: questões contemporâneas. Vitória: Edufes, 1999.
- MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. In. FOUCAULT, M. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Grall, 1979.
- QUEIROZ, André. Foucault: o paradoxo das Passagens. Rio de Janeiro: Pazulin, 1999.